



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

**RIOCENTRO, RIO DE JANEIRO, RJ, 9 DE ABRIL DE 2000**

*Senhor Secretário-Geral da União Internacional das Telecomunicações, Yoshio Utsumi; Senhor Ministro das Comunicações, João Pimenta da Veiga; Senhor Prefeito do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Conde; Senhor Presidente da Anatel, Renato Guerreiro; Doutor Ryff, representante do Governador do Rio de Janeiro; Senhores Empresários; Senhoras e Senhores,*

O Ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, expôs, com clareza, o sentido deste evento, que se realiza aqui, no Rio de Janeiro, a América Telecom, ao qual tenho a satisfação de comparecer. Devo acrescentar que as exposições feitas anteriormente, da mesma forma, esgotam, praticamente, o que se possa dizer sobre este evento.

Não obstante, quero enfatizar que o Ministro Pimenta da Veiga, bem como os demais, descreveram as características da revolução tecnológica que estão atingindo o setor de telecomunicações no mundo e aqui, no Brasil.

O Ministro chamou a atenção para os desafios e as oportunidades da sociedade de informação. Sua fala coloca ênfase em algo que é extremamente importante: o conhecimento e a tecnologia são os principais instrumentos do progresso do mundo contemporâneo.

De fato, as Nações, hoje em dia, têm que fazer uma só escolha sobre o seu futuro: vão saber ou não saber? Serão capazes de absorver e de produzir a tecnologia e conhecimento ou não serão capazes? Conhecimento e tecnologia valem mais do que os instrumentos clássicos de poder, como os recursos naturais, a força militar, a extensão do território nacional ou o tamanho da população. São vantagens comparativas que, de fato, contam, nos dias de hoje, tanto o conhecimento quanto a tecnologia.

Para um país como o Brasil, dadas as suas dimensões territoriais, as telecomunicações ocupam, necessariamente, um lugar central na agenda de desenvolvimento. A própria formação histórica do país implicou uma vivência muito particular do problema das distâncias, por exemplo, com a travessia do Atlântico pelos navegadores portugueses; com a ação desbravadora dos bandeirantes, que eram os nossos pioneiros; com o desenvolvimento do transporte fluvial, marítimo, terrestre e aéreo e com a transferência da capital do país para o Planalto Central.

Ao longo dos 500 anos de nossa construção nacional, distâncias externas e internas foram sempre um fator marcante. Hoje, quando comércios e investimentos se planejam e se realizam à escala global, vencer distâncias tornou-se uma tarefa ainda mais imperativa. E tornou-se, também, uma tarefa mais fácil, pelos avanços tecnológicos que revolucionaram, e continuam a revolucionar, a transmissão da informação e o seu processamento.

Por isso, o Brasil vem levando a efeito um esforço sem precedentes de modernização de sua infra-estrutura de comunicações. Partimos de uma base tecnológica já desenvolvida, o Sistema Telebrás, que alcançou um grau de sofisticação notável e contribuiu para a formação de cientistas e pesquisadores; deu-nos uma estrutura que precisava ser melhorada, precisava responder aos desafios novos, mas que tinha qualidade.

Partimos dessa base e criamos condições para que ela recebesse a injeção de capital e tecnologia necessários para elevar o Brasil a um patamar mais alto. Criamos as condições para colocar o Brasil na linha de frente das telecomunicações mundiais, e o que sobressai, nesse esforço, é o alcance econômico e, sobretudo, social, das trans-

formações realizadas pelo Brasil, ao longo dos últimos anos, nas telecomunicações, e a universalização do acesso a esse serviço.

Tenho dito que a redemocratização foi fundamental para a sociedade brasileira. Talvez ainda mais importante do que a estabilização da economia, que tantos benefícios vêm proporcionando à população. Na verdade, a própria estabilização foi uma consequência da democratização.

Pois bem, as mudanças que se têm verificado na área de telecomunicações, no Brasil, são, fundamentalmente, resultado da democratização do país e da sociedade. Ao mesmo tempo, essas mudanças ajudam a reforçar o perfil mais aberto, mais democrático e mais participativo que a sociedade brasileira exhibe, nos dias de hoje. A sociedade está mais consciente dos desafios que lhe cabe enfrentar diante da globalização. Mostra-se mais preparada para assumir as responsabilidades impostas pelas novas tecnologias da informação.

A verdade é que o progresso das comunicações e, particularmente, as facilidades de maior acesso à informação fortalecem o exercício da cidadania. Mas, antes de insistir nessa reflexão, tão bem apresentada pelo Ministro Pimenta da Veiga, quero saudar a União Internacional de Telecomunicações e a Agência Nacional de Telecomunicações, pela organização da América Telecom 2000.

Registro o orgulho do Brasil e, particularmente – me permitam o Prefeito e o Governador –, da cidade do Rio de Janeiro em hospedar, pela terceira vez, um dos principais fóruns de debates na área de telecomunicações. Pois o Rio também sediou as sessões de 1988 e de 1996.

A frequência com que o Brasil tem se credenciado ao escolher a América Telecom evidencia nossos laços tradicionais com a UIT, da qual somos membros há tanto tempo. E agora temos um brasileiro como secretário adjunto, o engenheiro Roberto Blois. Evidencia também o interesse que o País tem despertado entre empresários, acadêmicos e administradores no campo das telecomunicações.

As mudanças ocorridas nesse setor, no Brasil, desde a última ocasião em que o País sediou a América Telecom, em 96, não poderiam ter sido mais expressivas, tanto no plano institucional quanto na esfera do mercado. E faço aqui, e com muita saudade, uma menção

especial àquele que foi um dos principais responsáveis por essas mudanças: o Ministro Sérgio Motta, amigo e companheiro de tantas lutas, cuja energia, coragem e crença absoluta na grandeza do Brasil representaram para o meu governo e para mim, pessoalmente, um sustentáculo inestimável.

O primeiro passo foi a aprovação, pelo Congresso Nacional, da Emenda Constitucional nº 8, de 15 de agosto de 95, autorizando a concessão, pelo Estado, à iniciativa privada, dos serviços de telecomunicações.

O Governo Federal procedeu, a seguir, à criação da Agência Nacional de Telecomunicações, a Anatel, que tem atuado segundo a mais estrita transparência e com competência. A Anatel definiu as normas reguladoras do processo de privatização e contou, para esse fim, com a valiosa assessoria da UIT.

A magnitude do rendimento com o programa de privatização extrapolou a melhor das expectativas. Vinte e seis bilhões de dólares, já o disse o Ministro, somente no âmbito da Telebrás. E agora os efeitos já se fazem sentir. Os terminais fixos, como aqui foi dito, eram 13 milhões. Seis anos depois, nós estamos alcançando o patamar de 35 milhões de acessos telefônicos fixos.

No caso dos telefones móveis, telefones celulares, então, é mais rápida ainda essa transformação. Passamos de 600 mil acessos, em 1994, à probabilidade de dispormos, já no fim deste ano, de 15 milhões e meio de unidades. Obviamente, não é um avanço apenas quantitativo. Podemos falar de uma nova realidade, cujo principal beneficiário é o cidadão.

Os custos estão sendo reduzidos. A produtividade e a eficiência do sistema aumentam. Isso sem falar na democratização, já tantas vezes reiterada, do acesso aos serviços.

Além disso, com o fundo de universalização que foi criado pelo Congresso na fase inicial, e que agora está sendo rediscutido no Senado, nós poderemos ter um reforço grande. E dentro de alguns anos todos os núcleos urbanos terão acesso à telefonia.

Pois bem, falar da universalização da telefonia é falar da possibilidade de universalizar a informação, inclusive a Internet, que está numa ex-

pansão, também no Brasil, muito grande, muito vertiginosa. O País está se dotando das condições técnicas para um acesso universal ao conhecimento, sendo acurado o esforço paralelo de aperfeiçoamento do capital humano, do objetivo de dispor de uma mão-de-obra habilitada e de utilizar as novas tecnologias com desenvoltura e eficiência.

Talvez, tão importante quanto tudo isso, seja o fato de que, com essa participação crescente de uma sociedade que se moderniza, na qual a cidadania tem uma presença cada vez maior e mais exigente, de tudo há de derivar, não apenas acesso, não apenas produção de tecnologia, formação de pessoas qualificadas, mas eu espero que, cada vez mais, sabedoria, ou seja, capacidade dos brasileiros e das brasileiras de refletirem sobre o que desejam para sua Nação, sobre o seu futuro, sobre o seu destino e, por consequência, uma maior capacidade nacional de enfrentarmos os desafios do mundo contemporâneo. Como sabemos, esse mundo é um mundo que não pode mais conviver com o isolamento. De modo que, com esse acesso à tecnologia de informação, nós estamos, também, buscando uma coordenação crescente com os nossos vizinhos.

Caminhamos a passos largos para uma América do Sul coesa e integrada. É uma integração que será amparada em eixos de desenvolvimento, que possam aproximar nossos povos, e não apenas em telecomunicações, mas na área de energia, estrutura viária e por aí vai. E estamos cientes da potencialidade desses mercados.

Queremos, portanto, fazer vingar esse potencial para benefício dos nossos povos, que sabem que a informação é o principal fator de produção dos nossos tempos, o signo maior da chamada nova economia.

Faço votos para o pleno êxito deste evento empresarial que nós estamos inaugurando. Tenho certeza de que ele vai representar um estímulo adicional à revolução tecnológica no setor de telecomunicações. E, por conseguinte, um estímulo renovado ao progresso do Brasil.

Desejo que as telecomunicações estejam sempre, cada vez mais, a serviço do povo e do cidadão, e que ajudem na construção de uma sociedade mais desenvolvida e mais justa.

Muito obrigado.